

Audrey Carlan

# A Rapariga do Calendário

Janeiro, Fevereiro e Março

Volume 1

Tradução

Mário Dias Correia

 Planeta

## Índice

Janeiro .....	9
Fevereiro .....	121
Março .....	223



# *Janeiro*

Ginelle Blanch

*Estiveste comigo desde o início...*

*As tuas leituras prévias salvaram-me cem vezes e mais.*

*Obrigada por acreditares em mim, nas minhas*

*histórias, e por me amares como eu te amo*

*a ti e a tudo o que escreves.*

*Namasté, minha amiga.*



## Capítulo 1

O verdadeiro amor não existe. Durante anos, pensei que sim. Na realidade, pensei que o tinha encontrado. Quatro vezes, para ser exacta. Vejamos, houve:

O Taylor. O meu namorado do liceu. Fizemos todo o secundário juntos. Era uma estrela do basebol. O melhor que a escola alguma vez tinha visto. Grande, mais músculo do que cérebro, e uma pilinha do tamanho de um amendoim. Provavelmente devido à quantidade de esteróides que andava a tomar nas minhas costas. Deu-me com os pés na noite da festa de finalistas. Fugiu com a minha virgindade e com a chefe da claque. Ouvi dizer que deixou a universidade e está a trabalhar como mecânico numa cidadezeca daquelas que nem vêm no mapa, com dois filhos e uma mulher que já não abana pompons por ele.

Depois houve o professor assistente da minha primeira turma de Psicologia no Las Vegas Community College. Chamava-se Maxwell. Para mim, aquele rapaz era capaz de caminhar sobre a água. No fim caminhou foi sobre o coração comendo uma miúda de cada turma a que dava aulas. Era do género Cu e Mamas, e não havia que lhe chegasse. Tudo bem. Acabou por engravidar duas das raparigas ao mesmo tempo e foi expulso da universidade por comportamento impróprio. Aos dezanove anos, já tinha duas mamãs adolescentes a morder-lhe os calcanhares com pedidos de pensão de alimentos para os filhos. Houve ali uma espécie de justiça poética. Graças a Deus, exigi-lhe sempre que o embrulhasse antes de o enfiar dentro de mim.

Aos vinte anos, fiz uma pausa. Passei o ano inteiro a servir às mesas no MGM Grand na Las Vegas Strip. Foi lá que conheci o número três, o da sorte. O Benny. Só que não tive sorte, e ele também não. Era um contador de cartas. Na altura, dizia que estava nas vendas, que trabalhava nos casinos e que adorava jogar póquer. Tivemos um romance tumultuoso, que não foi assim tão romântico. Acho que passava metade do tempo bêbeda e debaixo dele, mas, infelizmente, acreditava que o tipo me amava. Estava sempre a dizer-mo. Durante dois meses bebemos, nadámos na piscina do hotel e fodemos num dos quartos que o meu amigo do serviço de manutenção me arranjava. Eu servia-lhe, e aos parceiros, bebidas grátis no bar e ele dava-me a chave de um quarto. Quase todas as noites. Funcionava. Até que deixou de funcionar. O Benny foi apanhado a contar cartas e desapareceu. Durante o primeiro ano a seguir ao desaparecimento, andei histórica. Então descobri que tinha sido espancado quase até à morte. Passara algum tempo no hospital e depois fugira da cidade, deixando-me sem uma palavra.

O último erro foi aquele a que posso chamar a gota de água e a razão por que tive a certeza de que o verdadeiro amor era uma coisa inventada pelas empresas que vendem cartões do Dia dos Namorados e pessoas que escrevem romances piegas e comédias românticas. Chamava-se Blaine, mas bem podia chamar-se Lúcifer. Era um homem de negócios, todo bem-falante. Uso a expressão homem com uma grande latitude. Na realidade, era um agiota. O mesmo agiota que emprestou ao meu pai mais dinheiro do que ele poderia alguma vez pagar-lhe. Primeiro enganou-me a mim, e depois enganou-o a ele. Na altura, eu pensava que o nosso amor era assim uma coisa de contos de fadas. O Blaine prometeu-me o mundo e deu-me o inferno na Terra.

– É por isso que acho que devias aceitar esse emprego da tua tia e deixares-te de histórias. – A minha melhor amiga, Ginelle, fez estalar o balão de pastilha elástica junto ao bocal do telefone. Afastei o auscultador do ouvido. – É a única saída, Mia. De que outro modo vais safar o teu pai do sarilho em que se meteu com o Blaine e os seus gorilas?

Chupei pela palhinha um gole de água gaseificada enquanto o sol da Califórnia transformava em pontos de luz refulgente as gotas que cobriam a garrafa ondulada.

– Não sei o que fazer, Gin. Não tenho esse dinheiro. Para dizer a verdade, não tenho dinheiro nenhum.

Suspirei, e aquilo soou alto e excessivamente dramático até aos meus ouvidos.

– Escuta, tu sempre estiveste apaixonada pelo amor...

– Já não! – recordei à minha amiga de toda a vida.

Ouvia, através do telefone, o barulho de Vegas. As pessoas pensam que o deserto é um lugar silencioso. Não na Strip. Há *slot machines* a tilintar e campainhas a tocar, num zumbido monótono, onde quer que se esteja. Não se consegue fugir-lhe.

– Eu sei, eu sei. – Mexeu o telefone, fazendo-o crepitar no meu ouvido.

– Mas gostas de sexo, certo?

– Não sou a *Barbie*, Gin. As contas são fáceis de fazer. Por favor, não me faças perguntas estúpidas. Estou para aqui a morrer.

Ou melhor, se não descobrisse maneira de arranjar um milhão de dólares, quem ia morrer era o meu pai.

A Ginelle gemeu e voltou a fazer estalar a pastilha elástica.

– Quer dizer, se aceitares o trabalho de acompanhante, tudo o que tens de fazer é ser bonita e curtir bué, certo? Há meses que não sabes o que é uma queca. Já agora é de aproveitar o balanço, não?

Só a Ginelle para conseguir que ser uma puta de luxo pareça um emprego de sonho.

– Isto não é o *Pretty Woman* e eu não sou a Julia Roberts.

Encaminhei-me para a minha mota, uma *Suzuki GSXR 600*, a que chamava apenas *Suzi*. Era a única coisa de valor que possuía. Passando uma perna por cima do assento, enfiei o telemóvel no suporte e pu-lo em alta-voz. Dividi o peso dos meus compridos cabelos negros em três partes e, com gestos rápidos, entranchei-os numa única e grossa trança.

– Ouve, eu sei que a tua intenção é boa, e com toda a franqueza não sei o que vou fazer. Não sou uma puta. Pelo menos, não quero ser uma puta. – A simples ideia pôs rios de medo a correr-me pelo peito. – Mas tenho de arranjar qualquer coisa. Ganhar dinheiro a sério, e depressa.

– Sim, pois. Estou-te a ouvir. Depois conta-me como correu o encontro na Exquisite Escorts. Liga-me logo à noite, se puderes. Merda, já estou atrasada para o ensaio, e ainda tenho de me vestir.



A voz tornou-se-lhe ofegante, e imaginei-a a correr pelo casino para chegar a tempo ao trabalho, com o telemóvel colado ao ouvido, nas tintas para quem a visse ou pensasse que era maluca. Era o que a tornava tão especial. Dizia o que tinha a dizer sem rodeios nem tretas... sempre. Como eu.

A Ginelle trabalhava para a Dainty Dolls Burlesque Show em Vegas. Como o nome, a minha melhor amiga era baixa e doce e sabia a melhor maneira de abanar o traseiro. Iam homens de todo o mundo assistir ao ousado espectáculo na Strip. Mesmo assim, não ganhava o suficiente para me safar a mim ou ao meu velho, não que eu lho tivesse pedido.

– *Okay*, adoro-te, cabra – disse eu com toda a doçura, enquanto enfiava a trança por baixo da gola do blusão de couro, de modo a assentar-me entre as omoplatas.

– Eu adoro-te mais, badalhoca.

Rodei a chave na ignição, acelerei o motor e pus o capacete. Enfiei o telemóvel no bolso interior do blusão e arranquei em direcção a um destino que não queria mas que não tinha maneira de evitar.



– Mia! Minha querida pequena – disse a minha tia enquanto passava os braços esqueléticos à minha volta, esmagando-me contra o peito. Era forte, para uma mulher de ar tão frágil. Tinha os cabelos negros presos num elegante coque francês. Vestia uma blusa branca macia como seda, se calhar por ser de seda, enfiada no cós de uma austera saia direita de couro preto a fazer conjunto com uns altíssimos *stiletto*s que ostentavam aquela sola vermelha a respeito da qual tanto tinha lido ao folhear ao acaso a última *Vogue*. Estava bonita. Mais do que isso, estava com um aspecto *caro*.

– Tia Millie, é tão bom vê-la – comecei eu quando dois compridos dedos com unhas vermelho-sangue me calaram.

Fez *tsk-tsk* com a língua.

– Ah-ah, aqui dentro, tratar-me-ás por senhora Milan.

Rolei os olhos nas órbitas, por uma questão de efeito dramático. Em troca, ela semicerrou os seus.

– Boneca, para começar, não roles os olhos. É má educação e muito pouco senhoril. – Apertou os lábios numa estreita linha. – Em segundo lugar... – Pôs-se a andar à minha volta, a avaliar-me como se eu fosse uma peça de arte. Qualquer coisa fria e impenetrável. Talvez fosse. Segurava um pequeno leque de renda preta que abria e fechava contra a palma da mão enquanto levava a cabo o seu exame –... nunca me chames Millie. Essa mulher desapareceu há muito, morreu quando o primeiro homem em que confiei fritou o meu coração e o deu a comer aos cães.

Que imagem tão desagradável. Mas a tia Millie era assim mesmo: franca até dizer chega.

– Queixo para cima.

Bateu-me na parte de baixo do queixo, forçando um ajustamento imediato. Em seguida fez o mesmo à tira de pele nua e sensível na base da minha coluna, onde a *T-shirt* não chegava bem aos *jeans* pintalgados que eu adorava. Endireitei-me, projectando o peito para fora. O sorriso de lábios vermelhos alargou-se, mostrando uma fila de dentes branqueados e regulares. Os dentes eram os melhores que o dinheiro podia comprar e uma despesa regular para as raparigas ricas de Los Angeles. É impossível cuspir a metro e meio de distância sem acertar em alguém que vai ao dentista com muito mais frequência do que as necessidades médicas exigem e apenas um pouco menos vezes do que vai ao dermatologista para as injeções mensais de botox. A tia Millie era uma óbvia cliente pagante de Vernizes-R-Us. Mesmo assim, a tocar na beira dos cinquenta, tinha a situação controlada.

– Bem, és sem a mínima dúvida muito bonita. E mais bonita vais ficar quando te vestirmos qualquer coisa mais apresentável e fizermos as tuas fotos de teste.

Torceu a cara num esgar de reprovação enquanto examinava os meus ténis de *motard*.

Recuei até chocar com um cadeirão de couro que não estava muito atrás de mim.

– Ainda não concordei com coisa nenhuma.

As pupilas da tia Millie encolheram até ficarem minúsculas.

– Não disseste que precisavas de conseguir muito dinheiro muito depressa? Qualquer coisa a respeito de o não presta do meu cunhado estar num hospital? Metido em sarilhos?

Sentou-se devagar, cruzou as pernas e pousou com delicadeza os braços nos braços de couro branco do cadeirão. A tia Millie nunca gostou do meu pai. O que era uma pena, porque ele fazia o melhor que podia como pai solteiro, sobretudo depois de a irmã dela, minha mãe, ter abandonado as duas filhas. Eu tinha dez anos na altura. A Maddison tinha cinco, e ainda hoje não tem a mais pequena recordação da mãe a que se agarrar.

Mordi os lábios e olhei para os olhos verde-pálidos dela. Éramos tão parecidas. Pondo de parte os pequenos «ajustamentos» a que se submetera, era como olhar para um espelho vinte e cinco anos no futuro. Os olhos eram do mesmo verde-pálido, quase amarelo, a que eu ouvira tecer louvores toda a minha vida. Verde-ametista, diziam as pessoas. Como olhar para um raro diamante verde. Os nossos cabelos tinham o mesmo tom negro-asa-de-corvo, tanto que quando a luz lhes batia qualquer um juraria que eram azul-meia-noite.

A ajustar os ombros contra o desconfortável espaldar do cadeirão, inspirei fundo.

– É verdade, o papá meteu-se em sarilhos dos grandes com o Blaine. – A tia Millie fechou os olhos e abanou a cabeça. Eu mordi o lábio, a recordar o meu pai, pálido e emaciado, o corpo todo coberto de nódoas negras, estendido como morto na cama de um hospital. – Neste momento está em coma. Deram-lhe uma grande tarefa, há quatro semanas. Ainda não acordou. Os médicos dizem que pode haver traumas cerebrais, mas ainda não sabem. Tem uma porção de ossos partidos. Está todo engessado – concluí.

– Jesus Cristo. Selvagens – murmurou ela, e levou a mão à cabeça para empurrar uma madeixa de cabelos para trás da orelha enquanto recuperava em silêncio a compostura. Já a tinha visto fazer aquilo. A tia Millie era uma grande manipuladora, capaz de controlar as suas emoções melhor do que qualquer outra pessoa que eu conhecesse. Cobiçava-lhe aquele talento. Precisava dele.

– Iá. E a semana passada, quando eu estava de vigília à cabeceira do papá, um dos gorilas do Blaine foi ver-me. Disse-me que o papá estava feito. Se não recuperassem o capital, com *juros*, iam matá-lo. E depois viriam pedir o dinheiro a mim e à Maddy. Chamou-lhe «dívida dos

sobreviventes», ou lá o que é isso. Seja como for, tenho de arranjar um milhão de dólares, e depressa.

A tia Millie franziu os lábios e pôs-se a passar a unha do indicador contra o polegar. Aqueles estalidos seguidos quase me fizeram saltar a tampa. Como conseguia ser tão calma, tão insensível? Estavam ali em jogo a vida de um homem, a minha vida e a da minha irmã mais nova. Ela não queria saber do papá para nada, mas sempre tivera um fraquinho por mim e pela minha irmã.

Ergueu para mim os olhos duros e brilhantes de uma excitação desconhecida.

– Pode-se conseguir, num ano. Achas que te dariam um ano, se fosses fazendo pagamentos? – perguntou de sobranceira arqueada enquanto concentrava em mim toda a sua atenção.

Senti os pêlos dos braços eriçarem-se e atirei os ombros para trás, à defesa. Abanei a cabeça.

– Não sei. Tenho a certeza de que o Blaine quer o dinheiro, e como tivemos uma coisa aqui há tempos, talvez possa pedir-lhe. Aquele sacana doentio e sádico sempre gostou de me ver de joelhos, a suplicar.

– Poupa-me à descrição das tuas aventuras sexuais, boneca – disse ela, com um sorriso malicioso. – Parece que vamos ter de pôr-te já a trabalhar. Só as melhores contas. Temos de pôr as coisas a andar. Vou precisar de ti aqui amanhã logo de manhã, para a sessão de fotografias. Vai ser coisa para o dia todo. Vamos fazer fotos, alguns vídeos, etc. A minha gente trata de colocá-los no *site* seguro depois de amanhã.

Estava tudo a acontecer tão depressa. As palavras «pode-se conseguir» soavam-me nos ouvidos como uma corda salva-vidas, uma jangada em pleno mar rodeada de tubarões, mas ainda a flutuar.

– Mas vou ter de dormir com eles? Quer dizer, eu sei que há diferentes espécies de acompanhantes.

Fechei os olhos, à espera, até que senti uma coisa quente pegar-me na mão. A tia Millie tinha pousado as mãos em cima das minhas.

– Boneca, não tens de fazer nada que não queiras fazer. Mas para ganhar o género de dinheiro de que estamos aqui a falar, acho que devias pensar nisso. Eu e os meus clientes temos um acordo não escrito. As minhas raparigas dormem com eles, e eles acrescentam vinte por

cento ao pagamento. Esses vinte por cento são deixados em notas, num sobrescrito, no quarto da minha rapariga. Nada disso tem a ver comigo ou com o meu serviço, uma vez que a prostituição é ilegal na Califórnia. – A tia Millie tocou no queixo com a ponta do indicador. – Mas as minhas raparigas têm direito a receber mais pelo trabalho extra, não achas?

Piscou-me o olho. Assenti sem grande convicção. Não sabia o que pensar, mas estava a alinhar de todos os modos.

– Vou fazer-te marcações mensais. É a única maneira de conseguir um cheque com seis dígitos todos os meses. – Os olhos verde-pálidos brilhavam. Tanto que eu quase acreditei que aquilo podia ser fácil, desde que mantivesse um espírito aberto. – Serás levada de avião para onde o homem estiver, e serás o que ele precisar que sejas durante esse mês. No entanto, não vendo sexo. Se dormires com eles, será porque queres, apesar de quando vires alguns dos homens que tenho em lista de espera vais pensar duas vezes a respeito de não saltar para a cama, isto para não falar do pagamento extra.

Sorriu e pôs-se de pé. Contornou a secretária de tampo de vidro, sentou-se e voltou-se para o computador, a despedir-me sem uma palavra. Senti-me colada ao assento de couro, incapaz de me mexer. Pensamentos a respeito de como raios ia fazer aquilo resultaram andavam-me às voltas na cabeça como abutres, a bicar os meus princípios morais um a um, como se fossem presas vivas disponíveis para serem apanhadas.

– Vou fazê-lo – ouvi-me a mim mesma murmurar.

– Claro que vais. – Olhou para mim por cima do computador, os lábios encurvados num sorriso torcido. – Não tens alternativa, se queres salvar o teu pai.



O dia seguinte foi um turbilhão de actividade. Senti-me como a personagem da Sandra Bullock em *Miss Detective*. Tinha sido espetada, escovada, depilada e polida quase até à morte. Sentia-me como uma pregadeira humana e estive muito perto de esmurrar a consultora de beleza que a tia Millie contratou para me «arranjar». A palavra é dela. Não posso negar que é preciso provar para saber se presta. Quando olhei para o espelho,

quase não reconheci a mulher que me devolveu o olhar. Os meus compridos cabelos negros estavam mais brilhantes do que nunca, a cair-me em ondas perfeitas sobre as costas e os ombros. Onde quer que a luz tocasse a minha pele, ela parecia tremeluzir. O vulgar bronzado em que estivera a trabalhar durante semanas sob o sol da Califórnia brilhava agora como fino mel, realçando de verdade as minhas melhores características. O vestido em que ela me enfiara era cor de alfazema, confortável e justo, ajustando-se a cada curva e contorno para produzir o efeito desejado. *Sexy* e macio. Parecia um anjo moreno quando o fotógrafo me mandou sentar num frio banco de mármore branco. Fez-me voltar-me para um lado e para o outro e pôr-me assim e assado, e a verdade é que não tardei muito a apanhar o jeito de fazer boquinhas ou olhar com uma expressão distante para a lonjura, despida de emoção. Era o que tinha de passar a ser. Despida de emoções.

Quando acabámos e eu tornei a vestir as minhas roupas de rua, que consistiam sempre nuns *jeans* e *T-shirt*, voltei ao gabinete da tia Millie. Ou melhor, da *senhora Milan*.

– Boneca, estas fotos estão óptimas! Sempre soube que serias perfeita como modelo.

Clicou no computador enquanto eu dava a volta e olhava para o que ela estava a ver. O ar fugiu-me dos pulmões quando vi a imagem de mim mesma que o fotógrafo tinha captado.

– Espantoso. – Fiquei sem palavras por um instante. – Não posso crer que essa sou eu. – Abanei a cabeça, a olhar embasbacada para as imagens descarregadas no *website* da Exquisite Escorts. Se não soubesse que era eu, não acreditaria.

Um lento sorriso perpassou pelos lábios da minha tia.

– És muito bonita. – Os seus olhos pálidos prenderam os meus. – És tão parecida...

– Não importa. – Abanei a cabeça e apoiei a anca ao tampo de vidro da secretária, nada interessada em ouvi-la dizer como achava que eu era parecida com a minha mãe. – O que se segue? – perguntei, cruzando as mãos sobre o peito a sentir um estranho desejo de proteger-me contra o que quer que fosse que ia acontecer a seguir.

A tia Millie recostou-se na cadeira de couro negro, os olhos a brilhar.

– Queres ver o teu primeiro trabalho?

Uma lenta sensação de medo subiu-me pela coluna, mas endireitei os ombros e olhei para ela com uma expressão calma.

– Pode começar o jogo.

A tia Millie riu e clicou um par de vezes no *browser* da internet, fazendo aparecer a imagem de um dos homens mais estuporadamente bonitos que eu alguma vez tinha visto. Não havia nada a tirar nem pôr no aspecto daquele sujeito. Mesmo na fotografia convencional, tipo *site* da empresa, os cabelos louro-sujo, os olhos verdes, o queixo cinzelado eram de cortar a respiração. Os cabelos eram compridos, escadeados, e tinha aquele ar despenteado, e ao mesmo tempo cuidado, que estava tão na moda. Mas havia ali qualquer coisa que não batia certo. O homem não podia ter mais de trinta anos. Além disso, não era o género de tipo que precisasse de alugar uma acompanhante. Era o género de tipo que fazia as mulheres tropeçarem nos pés e tornarem-se desmiolados monstros de luxúria.

– Não percebo. Por que precisa – aponte para o homem que sorria na fotografia – de uma acompanhante?

A minha tia voltou a recostar-se na cadeira, cruzou as mãos no regaço e sorriu.

– Escolheu-te a ti.

Sei que devo ter feito um ar baralhado, porque se apressou a acrescentar:

– Enviei as primeiras fotos de teste para ele e para a mãe. Trabalho muito com a mãe dele. Seja como for, foi ele quem escolheu. Vai mandar um carro buscar-te amanhã de manhã. Reside na área, mas de todos os modos vais ter de ficar em casa dele durante os próximos vinte e quatro dias.

É possível que a minha cabeça tenha sido atingida por uma imaginária bola de baseball, tão depressa saltou para trás.

– Vinte e quatro dias? Enlouqueceu? Como raio vou aceitar trabalhos ou aparecer nas audições?

A minha carreira de atriz não era grande coisa, mas tinha um agente barato que me arranjava uns papéis de vez em quando. E havia o restaurante onde trabalhava à noite.

A tia Millie olhou para mim como se eu me tivesse atrevido a deixar crescer uma segunda cabeça. Apertou os lábios numa fina linha e achatou o nariz de uma maneira muito pouco atraente.

– Mia, vais deixar todos os teus empregos durante pelo menos um ano. A partir de agora, és uma funcionária paga da Exquisite Escorts. Os teus trabalhos irão de um a vinte e quatro dias, consoante as necessidades do cliente. Uma vez que *tu* precisas de ganhar um monte de dinheiro em pouco tempo, tens de aceitar os trabalhos maiores. No fim dos vinte e quatro dias, terás o resto do mês para ficar em casa a relaxar, recuperar e reparar o que for preciso em termos de beleza. No início de cada mês do calendário, ser-te-á atribuído um novo trabalho.

– Não posso acreditar nisto! – Comecei a andar de um lado para o outro no gabinete, a sentir-me um animal enjaulado que precisasse de se libertar. Só então percebi que a minha vida tal como a conhecia tinha acabado. Tinham-se acabado as vulgares e normais saídas com homens... não que tivesse tido muitas nos últimos tempos. Tinham-se acabado as audições, o que fazia da minha incipiente carreira artística uma recordação distante, e passaria a haver muito pouco ou nenhum tempo para estar com o meu pai, com a Maddy ou com a Ginelle.

– Acredita, menina. Isto não é nenhuma brincadeira. O que o teu pai fez, o que o teu ex-namorado está a fazer, tomaram a decisão por ti. Tens sorte por eu estar a arranjar-te um espaço. Não sejas ingrata. Agora senta-se e está calada!

A voz dela soou desprovida do habitual calor, transformada no tom frio e formal de uma determinada mulher de negócios.

– Peço desculpa.

Ela estava a tentar ajudar-me, mas aquilo era tudo tão... repentino. Incrível. Deixei-me cair na cadeira em frente da secretária e apoiei a cabeça nas mãos. Abaná-la, por mais que o fizesse, não ia alterar o resultado. Era agora uma rapariga de aluguer. Todos os meses seria atribuída a um novo homem, e se fosse para a cama com ele receberia mais vinte por cento, em dinheiro.

Abanei a cabeça e ri. O género de riso que provava que estava a ficar maluca como o caraças. Inclinei a cabeça para trás, contra o couro frio do espaldar, e olhei para o tecto branco. Ao cabo de alguns instantes,



uma espécie de determinação nascente começou a acalmar-me. Aquilo era o que tinha de fazer. Deixar que um tipo *sexy* me levasse a aborrecidos almoços de negócios e tudo o mais que quisesse. Não era obrigada a dormir com eles e, mais importante ainda, não havia o perigo de me apaixonar. Um novo homem todos os meses não dava tempo para cair nessa, como me tinha acontecido no passado. E quem dizia que tinha de desistir da minha carreira de atriz? Que melhor maneira de aperfeiçoar as minhas capacidades cénicas do que sendo o que aqueles homens quisessem que fosse? E então, acabado o mês, seria outra pessoa qualquer e o meu pai estaria a salvo. Desde que o Blaine aceitasse os pagamentos mensais, aquilo podia resultar.

Com um fundo suspiro, pus-me de pé e estendi a mão à minha tia. O sorriso dela foi perverso, mas mesmo assim muito *sexy*. Era muito boa naquilo que fazia.

– Muito bem, *senhora Milan* – destaquei bem o falso nome, para que ela percebesse o meu compromisso. – Parece que sou a sua nova Rapariga do Calendário.

## Capítulo 2

Weston Charles Channing III. Fiquei a olhar para o papel e a perguntar a mim mesma por que haveria alguém de querer usar um numeral romano a seguir ao nome. Tinha de ser um rapazinho rico e pretensioso cuja mamã não queria ser envergonhada pelas pegas de Hollywood que ele costumava levar a eventos de gente fina. Pelo menos, na minha cabeça era a única explicação que fazia sentido para um homem tão arrasadoramente atraente precisar de contratar uma acompanhante. Passei as páginas até encontrar a lista de *regras* que a *senhora Milan* me entregara na noite anterior.

**1. *Estar sempre impecável.*** *Nunca deixes que o cliente te veja impropria. Estar sempre maquilhada, penteada, com as unhas pintadas e as roupas sem rugas. O cliente fornecer-te-á um guarda-roupa que ele escolherá. Os teus tamanhos e preferências foram fornecidos ao estilista pessoal dele.*

Rolei os olhos para o tecto e olhei, já cheia de saudades, para o saco cheio de *jeans* que tinha no meu armário. Um estilista pessoal? Céus, aquela gente tinha era dinheiro a mais. Será assim tão difícil escolher a roupa? Os meus tamanhos tinham sido enviados? Maravilhoso. Agora o tipo sabia que precisava de perder uns quilinhos. Ter um metro e setenta e três dava-me a vantagem de parecer mais magra do que sou, mas sabia que a minha tia preferia as suas raparigas à volta do tamanho zero. Eu era um curvilíneo trinta e oito, por vezes até um quarenta. Suponho que no mundo da moda seria considerada *plus size*.

*Ele escolheu-te*, recordei a mim mesma enquanto enchia uma pequena mochila com o essencial. Loção de banho, maquiagem, perfume, o meu *Kindle*, um saquinho com as minhas jóias preferidas. Não havia nada de valor, mas eram minhas e, no mínimo dos mínimos, precisava de *ser eu* de alguma pequena maneira. Também peguei no meu novo diário e no meu papel de carta personalizado. Achei que já que ia ser uma experiência de um ano, mais valia tentar aprender alguma coisa com ela. Que diabo, até podia ser que viesse a usar o material para um filme meu, um dia.

Atirei a mochila para a cadeira superestofada do estúdio barato que tinha alugado e olhei para o resto da lista.

**2. Sorri sempre.** *Nunca pareças zangada, triste ou emotiva seja de que maneira for. Os homens não contratam uma mulher para poderem lidar com os problemas emocionais dela. Contratam-na para não terem de o fazer.*

Sem emoções. Nessa já ia à frente. Tinha tido uma grande conversa comigo mesma depois de ter estado com a tia Millie e aceitado o trabalho.

**3. Não fales a menos que falem contigo.** *Estás lá para ser bonita e encantadora quando for preciso. Fala com o cliente antes de qualquer evento social ou profissional de modo a coordenarem posições.*

O que somos nós? Porreiros? Sê uma *Barbie*. Entendido. Não é muito difícil.

**4. Mantém-te sempre disponível.** *Se o cliente quiser ficar em casa, ficas com ele. Sê respeitosa, tem cuidado com as maneiras e segue o exemplo do cliente. Se ele procura companhia, ser carinhosa é aceitável. Sexo não é um requisito.*

Quer que eu seja *carinhosa* com um cliente quando o que ele quer é foder? Ri alto. Vai ser uma transição interessante. «Então, parceiro, queres umas festinhas?» O sorriso morreu-me nos lábios quando continuei a ler.

**5. Sexo com o cliente não está incluído no contrato.** *Se optares por oferecer companhia sexual, a escolha é tua e não da responsabilidade da Exquisite Escorts. No entanto, exigimos que todas as nossas acompanhantes usem alguma forma de controlo de natalidade que possa ser provada em qualquer altura. Uma análise sanguínea pode ser exigida.*

Onde vai buscar estas merdas? Quer dizer, a sério? Quem quer engravidar de um homem que acaba de conhecer e não ama? Oh, sim, homens ricos, mulheres estúpidas. Uma receita para desastre. Bem, eu não sou

uma dessas mulheres. Uma vez que o meu pai esteja a salvo e a dívida paga, vai ser de volta à vida. Seja isso o que for.

Olhei para o relógio e percebi que eram horas de ir. Apesar de a tia Millie querer que uma das limusinas da empresa me levasse, garanti-lhe que havia de encontrar o cliente. Foi a minha única condição. Se aquela primeira experiência resultasse, estaria mais do que disposta a deixar que os clientes fossem buscar-me. De momento, estava desconfiada como tudo e ia levar a minha mota, apesar de lhe ter prometido que apanharia um táxi. Ela nunca iria descobrir. Enfiei os meus *jeans* pretos mais *sexy* e um cingido *top* preto de rede, juntei o blusão curto, de couro, e as botas de camurça até aos joelhos. Sabia que a tia Millie me mataria se me visse naqueles preparos, mas precisava do elemento surpresa para dar uma olhada àquele Weston Charles Channing *terceiro* antes de me comprometer a ser a sua companheira durante as próximas quatro semanas.

Finalmente, o SMS chegou. De um número desconhecido.

Para: Mia Saunders

De: Número Desconhecido

*Desejoso de conhecê-la. El Matador Beach. Procure a escada de pedra que dá para a praia. Até breve.*

Críptico. Quer que me encontre com ele na praia às oito da manhã? Pego no *iPhone* e peço indicações à Siri, reparando que já são sete. A *app* de comando por voz mostrou-me a praia no visor com a indicação de que ficava cerca de nove quilómetros e meio a nordeste de Malibu. Devia ser perto da casa dele, uma vez que era pelo menos uma hora de mota a partir do meu estúdio na Baixa de Los Angeles. O apartamento não era grande coisa, apenas umas dezenas de metros quadrados de espaço onde o *futon* que tinha comprado numa venda de jardim por cinquenta dólares me fazia as vezes de sofá e cama, mas era o que podia pagar. Olhando em redor, notei que o tinha tornado o mais acolhedor possível. As paredes eram de um creme-suave, e embora a mobília fosse uma misturada em que nada dava com nada, o certo era que resultava.

Era o primeiro lugar a que podia chamar meu. E tinha de o deixar. Peguei na garrafa de água que estava em cima da mesa e despejei o que

restava na planta de bambu envasada que tinha na minúscula bancada da cozinha. Era uma triste tentativa de ser verde, mas devia ser uma planta da sorte. Esperava que sobrevivesse. Enquanto me encaminhava para a porta com a mochila suspensa do obro e o capacete na mão, apercebi-me de quanto eu e aquela planta tínhamos em comum. Também eu esperava sobreviver àquela ausência.



Saltaram pedras e saibro solto quando a *Suzi* travou em derrapagem antes de tocar na barra metálica que terminava mesmo antes da falésia rochosa. A escada de betão de que eu andara à procura para cima e para baixo ao longo da praia era bem visível da área de estacionamento. Aquela secção da praia era pequena e parecia isolada. Só havia um carro estacionado no parque na gelada manhã de segunda-feira. Se calhar porque as pessoas normais estavam a trabalhar às oito da manhã de um dia de semana. Não sabia bem o que pensar a respeito de encontrar-me com o meu cliente naquele sítio, mas não estava preocupada por aí além. A vista era incrível, a praia de cortar a respiração. As ondas azuis corriam para a areia coroadas de branco e desfaziam-se em nada ao rebentar. Aquela era, na realidade, uma das poucas vezes que tinha ido à praia desde que me mudara, seis meses antes. Passara a maior parte do meu tempo a tentar entrar no mundo da representação. O local pouco importava. O que queria era sair do raio do deserto. O oceano recordava-me o oposto do calor seco de Las Vegas e era reconfortante à sua maneira por causa do contraste. Havia uma figura solitária na água, a surfar. Fiquei a ver aquela pessoa apanhar as ondas como um profissional, inclinando a comprida prancha amarela para as aproveitar ao máximo. Examinei a praia, mas não vi mais ninguém. Nem havia mais veículos no parque de estacionamento além do jipe e da minha moto. *Talvez ainda não tenha chegado?*

Observei o surfista por mais alguns instantes enquanto ele cavalgava uma onda mesmo até a areia. Saltou da prancha como se ela tivesse ido levá-lo a terra. Devia ter montes de prática, com aquele nível de equilíbrio e força. Talvez até fosse instrutor naquela praia, apesar de não ver qualquer espécie de edifício em parte nenhuma. O homem sacudiu os cabelos

e soltou a correia que lhe prendia a prancha ao tornozelo. Não conseguia distinguir-lhe as feições àquela distância. Como que em câmara lenta, o surfista olhou na minha direcção. Não podia ver-me a cara, porque eu continuava a usar o capacete. Levantei a viseira para ver melhor e vi-o correr o fecho do fato e revelar uma quantidade enorme de músculos muito molhados, muito grandes e muito bronzeados. Libertou os braços e deixou o fato pender-lhe da cintura enquanto segurava a prancha debaixo de um braço e trotava praia acima.

Fascinada, fiquei a ver aquele corpo mover-se na paisagem. O surfista era um festim para os olhos. Dava todo um novo significado à expressão «bom de comer». Continuou a aproximar-se, os músculos do peito e os abdominais cada vez mais visíveis à medida que ia ficando mais perto. A *sexy* faixa de pele que se encurvava formando um delicioso V tinha salpicos de areia e água do mar misturados. Fez-me perguntar-me a que saberia. Salgado do oceano, com toques do seu sabor natural.

Um calor invadiu-me o corpo enquanto ele subia os degraus até ao patamar. Os meus ouvidos começaram a latejar e foi como se o rebentar das ondas estivesse a fazer um barulho trovejante, com altos e baixos, dentro do espaço confinado do meu capacete. Foi como quando se tem todas as janelas do carro fechadas e alguém abre uma. Somos no mesmo instante invadidos por esse som distorcido que nos entra nos ouvidos como uma coisa física, indo embater contra os nossos tímpanos.

Devagar, tirei o capacete e inclinei a cabeça para trás, deixando os meus cabelos caírem em cascata, libertos da apertada prisão. Inspirei fundo quando o homem de que estava à espera se deteve no último degrau e ficou a olhar. O olhar dele era... intenso, lascivo. Grandes gotas de água caíam-lhe dos cabelos para os largos ombros e deslizavam por um peito que podia ter sido cinzelado pelos deuses.

Os olhos dele estudaram-me as botas, subiram pelas pernas, passaram pelo peito até que por fim encontraram os meus.

– Que agradavelmente inesperado – disse, e sorriu.

– Sim, inesperado. – Lambi os lábios que tinham ficado de repente secos e mordi o inferior.

Ele moveu-se com uma graça felina para se dirigir ao *Jeep Wrangler 4x4* cinzento. Não era um carro caro, embora parecesse estar em bastante

bom estado. Não tinha capota, o que foi, imaginei, a razão por que o proprietário pôde atirar a enorme prancha para a parte de trás sem qualquer dificuldade. Aquelas coisas eram leves? Eu achava que não, embora ele tivesse feito parecer que não pesava nada. Os músculos dos braços retesaram-se quando encaixou a prancha no lugar onde a queria, fazendo um formigueiro de excitação correr-me pelos poros.

– Mia? – perguntou, enquanto eu desmontava da mota e me aproximava, certificando-me de que dava um balanço extra às ancas ao fazê-lo. Os olhos dele, faiscantes de aprovação, como que me acariciavam as formas.

– Eu mesma. Weston Charles Channing Terceiro? – Ergui três dedos e pus a outra mão na anca.

Ele riu e encostou-se ao lado do jipe, oferecendo-me uma visão ainda melhor do seu peito nu. Raios, era magnífico. Os olhos verdes estavam escuros quando voltaram a encontrar os meus.

– Terceiro – disse, imitando o meu gesto. – Os meus amigos tratam-me por Wes – acrescentou, num tom casual.

– E eu sou sua amiga? – perguntei, coquete.

– Podemos sempre ter esperança, menina Mia. – Piscou-me um olho e voltou-se para procurar qualquer coisa na traseira do jipe. Tirou de lá uma *T-shirt* branca que enfiou com um gesto rápido por cima da cabeça, cobrindo aquele maravilhoso corpo. Quase lhe agradei a distração. No mesmo instante a estúpida *Barbie* saiu do palco e a inteligente Mia reapareceu em cena. – Pronta para ir?

– O dinheiro é seu, diga para onde e quando – respondi.

Ele lambeu os lábios, voltou a olhar para mim, sorriu e abanou a cabeça.

– Oferecia-lhe uma boleia, mas parece que tem transporte.

– Pois tenho. Vou atrás de si.



Quando chegámos à casa dele em Malibu, a minha líbido estava de novo sob controlo, embora eu pensasse que não seria preciso muito para a acordar outra vez. Os portões abriram-se e eu segui-o por um pequeno e sinuoso caminho de acesso até que ele se deteve em frente de uma casa que parecia mais uma coisa que se esperaria ver nas montanhas.

Não era bem uma cabana de troncos, mas tinha sido feita com grandes pedras e madeira. Uma verdura luxuriante cercava-a por todos os lados, dando a impressão de que estava aninhada e escondida num jardim secreto.

Tirei o capacete e, de mochila na mão, subi atrás dele os degraus de pedra. A porta não estava fechada à chave quando ele a abriu. Suponho que, quando se vive em Malibu com grandes portões e um gradeamento de ferro à volta de toda a nossa propriedade, não são necessárias grandes preocupações com a segurança. Talvez ele tivesse segurança algures.

Entrámos numa sala gigantesca e cavernosa com traves expostas de madeira quase preta a juntarem-se no centro. Os soalhos eram de cerejeira e cobriam todo o palaciano espaço. Tapetes rústicos de cores escuras salpicavam o chão e havia fundos sofás forrados em tons de borgonha-forte que pareciam suficientemente fofos para uma pessoa correr e saltar para cima deles. A sala era clara e arejada, com janelas a toda a volta. O centro de entretenimento era enorme e ocupava toda uma parede com quinze metros de comprimento. Espalhados por todas as prateleiras e nichos nas paredes havia livros e uma enorme quantidade de DVD. Tapeçarias de tons vibrantes cobriam as paredes. Havia plantas e quadros para onde quer que se olhasse. Não era nada do que eu esperava de um homem de vinte e muitos ou trinta e poucos anos. Tomei uma nota mental para descobrir a idade dele, e também o que fazia na vida. Era preciso ser muito esperto ou muito rico para ter uma casa daquelas.

– Este lugar é incrível – disse eu, e encaminhei-me para a janela francesa de portas abertas que dava para a varanda de chão de madeira com uma balaustrada de ferro forjado. A vista era de uma sucessão de montanhas e espaços abertos que pareciam estender-se sem fim até ao horizonte. Viver na Baixa de Los Angeles não me dava muitas oportunidades para apreciar o Sul da Califórnia como se devia contemplar a partir daquele cenário.

O Wes sorriu e pegou-me na mão. A dele era quente e macia. Confortável.

– Chegue aqui. Vou mostrar-lhe o que me atraiu para este lugar.

Levou-me pela varanda, a puxar-me pela mão, até ao outro lado da enorme casa.



A vista deixou-me sem respiração quando por fim acabámos de percorrer metade do alpendre que dava a volta a todo o edifício.

– Oh, meu Deus! – murmurei, maravilhada. A mão dele apertou a minha, provocando uma corrente eléctrica que me subiu pelo braço até à nuca. À minha frente estendia-se uma vista desobstruída do oceano Pacífico, visível de toda aquela metade da casa. Wes inclinou-se para mim e sussurrou-me ao ouvido enquanto apontava para uma mancha de areia aninhada no meio dos rochedos.

– Ali é El Matador Beach – disse, tão perto que senti o seu hálito beijar-me a pele da face. De onde estava, quase conseguia ver o sítio onde ele estivera a surfar.

– É... – Estava sem palavras.

– Espantosa. Eu sei – disse, mas não de uma maneira pretensiosa. Não, parecia contemplar a vista com o mesmo espanto maravilhado que eu, o que me surpreendeu. Um homem que vive aqui, que vê isto todos os dias e mesmo assim continua a deixar-se fascinar pela dádiva à sua frente. Percebi então que talvez me tivesse enganado ao julgá-lo um puto rico e com a mania. – Venha, vou mostrar-lhe o seu quarto.

Segui-o através de vários milhares de metros quadrados de casa. Divisão atrás de divisão passaram por mim antes que eu pudesse ver mais do que um fugaz vislumbre. Achei estranho ele continuar a segurar-me a mão, mas não disse nada com medo de que a largasse. Era agradável sentir a mão grande e quente na minha. Fazia-me sentir segura e protegida de uma maneira que já não experimentava havia anos.

Levou-me até uma porta dupla. Largou-me finalmente a mão e abriu ambas as portas ao mesmo tempo.

– Esta vai ser a sua casa durante os próximos vinte e quatro dias – disse, e sorriu enquanto eu entrava.

O quarto era branco sobre branco. Tudo. A mobília, as roupas da cama, até os quadros nas paredes eram em vários tons de branco com pequeníssimas pinceladas de cor. Era um contraste tão grande com os tons ricos e espessos da sala de estar. Franzi a testa, sem dar por isso.

– Não gosta? – As mãos penderam-lhe ao lado do corpo. Afastou-se e abriu outro conjunto de portas duplas. Lá dentro havia roupas suficientes para abastecer uma loja, todas numa louca variedade de cores, texturas

e tecidos. Daquilo já gostava mais. Podia mudar-me para o roupeiro. Tinha espaço mais do que suficiente. Passei os dedos pelas roupas penduradas, todas ainda com as etiquetas.

– É muito bonito, obrigada. Por que não me fala um pouco a respeito da razão por que estou aqui? – pedi, saindo do roupeiro e sentando-me na cama. O Wes era um homem alto e largo, mas não corpulento. Tinha mais de um metro e oitenta e era esbelto. Tinha o corpo de um nadador olímpico que passasse muito tempo no ginásio a levantar pesos.

Suspirou e levou a mão ao queixo, o cotovelo apoiado no braço da cadeira.

– A minha mãe – disse, como se aquilo explicasse todos os segredos do universo. Arqueei uma sobrancelha, e ele abanou a cabeça. – Há certos eventos a que tenho de assistir pessoal e profissionalmente ao longo das próximas semanas. Levar uma mulher pelo braço ajudar-me-á a manter à distância as *socialites* e as caçadoras de fortunas que muitas vezes competem pela minha atenção, impedindo-me de criar a rede que preciso de completar.

– Precisa então de uma defesa contra os abutres?

Com uma pequena gargalhada, cruzei as pernas e descalcei uma comprida bota, estendi a outra perna e repeti o processo.

Ele assentiu e ficou a olhar, fascinado, enquanto eu estendia e agitava os dedos dos pés. Olhei para baixo e percebi por que era que estava a tapar a boca com uma mão, numa disfarçada tentativa de conter o riso.

Tinha calçado as meias de Natal, as de pendurar na chaminé, por baixo das botas. Da ponta dos dedos até aos joelhos, riscas verdes e encarnadas olhavam para mim, a provar que acabava de cometer suicídio em termos de elegância. Para não falar de ter de certeza infringido uma das regras capitais da tia Millie para as suas acompanhantes ao usar aquelas meias feias e horrorosas. Mordi o lábio e troquei um olhar com o Wes, mas ele continuou a sorrir aquele sorriso do gato-que-comeu-o-canário.

Rolei os olhos para o tecto e suspirei:

– Vesti-me às escuras.

– É óbvio que sim – disse ele. – Eu acho giro.

– Giro? Isso é como o beijo da morte. – Semicerrei os olhos. – Acha que eu sou gira? Bem, não reembolsamos, camarada. Como muito bem disse, vou ficar aqui vinte e quatro dias. Não se aceitam devoluções! – disse, e pus-me de pé de mãos nas ancas.

Ele recostou-se para trás e cruzou os tornozelos. Continuava descalço. Oh, ainda não tinha reparado nos pés. Eram compridos, finos e muito bem tratados. Minúsculos grãos de areia tinham ficado agarrados ao peito dos pés. A tal líbido que eu tinha chutado para o lado e enfiado num buraco pôs a cabeça de fora e estudava com muita atenção os pormenores do homem à minha frente. Não era justo. Até os pés dele eram *sexy*.

– Relaxe, menina Mia. Disse que achava as suas meias giras, não a si. É talvez uma das mulheres mais devastadoramente bonitas em que alguma vez tive o prazer de pôr os olhos. Mal posso esperar por vê-la nua.

Os lábios dele encurvaram-se num sorriso lascivo e os olhos enevoaram-se-lhe.

Eu inspirei fundo, devagar, e fiquei a vê-lo pôr-se de pé. Os nossos olhares encontraram-se, e deu a sensação de que tinham passado minutos enquanto catalogávamos as *nuances* um do outro.

– Hum, bem, fico contente por achar que sou bonita o suficiente para estar aqui. Como disse, tem-me por um mês e... espere. – Qualquer coisa que ele dissera acabava de fazer clique. – Desculpe? Mal pode esperar por ver-me nua? – As palavras saíram-me da boca a atropelarem-se umas às outras. – Isso não está incluído no contrato...

– Oh, sei muito bem o que está no contrato – disse o Wes. Avançou para mim, passou uma das mãos à volta da minha cintura e esmagou-me contra o peito. Arquejei quando a dura crista de uma enormíssima ereção fez força contra a minha barriga. Perscrutou-me a cara com os olhos e inclinou-se para ficar mais perto, tão perto que lhe senti a respiração nos meus lábios sobreaquecidos. – Se te tiver nua, não será por ter pago por isso. – Roçou com os lábios a pele atrás da minha orelha, onde depositou um beijo leve como um murmúrio. Fiquei muito quieta, o prazer a correr-me pelos membros, todos os meus nervos focados, à espera do próximo toque. A áspera aresta do queixo dele, coberto por um restolho de barba, deslizou-me ao longo da cara, pondo um arrepio a descer-me pela coluna e uma onda de calor entre as minhas coxas. – Despir-te-ás

para mim quando estiveres pronta. E eu nem terei de pedir – sussurrou antes de beijar ao de leve o canto dos meus lábios.

Afastou-se, com um turbilhão de desejo reprimido a rodopiar-lhe nos olhos verdes.

– Tenho trabalho para fazer no meu escritório. Fica à vontade, vai apanhar sol, usa a piscina. Vou precisar de ti pronta e com um vestido de *cocktail* às cinco em ponto. Temos de ir a um jantar de negócios.

E, com um último apertão à minha anca, saiu do quarto. A pele da minha anca ainda sentia a marca fantasma dos dedos dele.

– Raios – disse eu, um pouco zozza depois de tanto tempo a conter a respiração. A partir do momento em que os lábios dele me tinham tocado atrás da orelha, perdera a capacidade de respirar. – Este vai ser um problema.



## Capítulo 3

A água da piscina estava morna e refrescante. Usei o tempo de que dispunha a trabalhar para o bronze e a fazer um pouco de exercício nadando meia dúzia de comprimentos na piscina. O Weston, ou «Wes», como gosta que lhe chamem, não tinha voltado a aparecer. Imaginei-o atrás de uma das muitas portas por que tinha passado a caminho do pátio.

Enquanto estava a secar, uma mulher género *petite*, ainda que bastante roliça, vestida com umas calças de caqui e uma camisola, entrou no pátio com uma bandeja nas mãos. Estendi no mesmo instante a mão para uma toalha que não estava lá e olhei em redor. Ela fez-me um grande sorriso e dirigiu-se a um cesto no canto junto à porta, levantou a tampa e tirou de lá uma enorme e colorida toalha de praia.

– Aqui tem, querida – disse com um sotaque britânico, enquanto me estendia a toalha. Os cabelos grisalhos e os suaves olhos castanhos fizeram-me lembrar uma Mary Poppins mais velha.

– Olá, sou a Mia. – Enrolei a toalha à volta do corpo, escondendo o minúsculo biquíni encarnado que tinha encontrado no roupeiro. Havia vários outros, mas eram todos diminutos, de modo que tirara um ao calhas.

A *Mary Poppins* sorriu e estendeu-me a pequena mão.

– Senhora Croft. Mantenho a casa em ordem, proporciono ao senhor Channing as suas refeições, trato da limpeza e tudo o mais. – Assenti com a cabeça, torci os cabelos para os libertar do excesso de água e prendi-os num rabo-de-cavalo. – Quis trazer-lhe qualquer coisa para

comer, apresentar-me e dizer-lhe que se precisar de alguma coisa, pode chamar-me premindo o botão *Serviço* do intercomunicador que há em todas as divisões. – Apontou para o painel de botões montado na parede. – Fornecer-lhe-ei um horário diário das suas actividades e do senhor Channing, para que esteja preparada. Que tal enfiar-lho por baixo da porta todas as manhãs?

Encolhi os ombros. Como ela, era pessoal contratado, com a diferença de que a minha função era ser bonita e espantar as raparigas ricas. Cada um tem a sua cruz para carregar.

– Como for melhor. Sou fácil de contentar.

A senhora Croft mirou-me de alto a baixo e pôs a cabeça de lado. Um sorriso encurvou-lhe os lábios finos.

– Começo a ter o pressentimento de que é tudo menos fácil de contentar, querida. – Piscou-me um olho. – Isto vai ser interessante – disse antes de rodar sobre os calcanhares e voltar a entrar em casa.

Que queria ela dizer com *aquilo*? *Vai ser dinheiro fácil*, pensei enquanto contemplava mais uma vez a espantosa paisagem. Um tipo que era uma brasa, pelo qual eu *não* ia apaixonar-me, uma casa de morrer com uma vista espectacular e montes de roupas novas. Até ao momento, parecia um papel de sonho. Através das portas abertas do pátio, vi o relógio pendurado na parede por cima do fogão, na cozinha, e notei que tinha hora e meia antes de o Surfista Brasa Menino Rico precisar da sua nova «companhia» para o meu primeiro dia no emprego.

Decidi, como em tudo, que ia fazê-lo saltar de dentro das meias, apesar de não serem às riscas verdes e encarnadas.



O senhor Channing bateu uma vez à porta do meu quarto e entrou sem esperar que o convidassem. *Nota para mim mesma: Não te vistas a descoberto, ou arriskas-te a proporcionar um espectáculo erótico ao Senhor do Solar.* Embora alguma coisa me dissesse que ele não se importaria nada, se a maneira como me mirou dos pés à cabeça – não uma mas duas vezes – podia servir de indicação. A vista do meu lado do quarto também não era má. Estava de-li-ci-o-so com um fato preto de corte

impecável e uma camisa branca cujo colarinho aberto deixava ver um pedaço muito *sexy* de garganta masculina. Segurava três gravatas na mão enquanto examinava o meu trapinho.

Eu estava a usar um vestido de *cocktail* beringela-escuro. As alças, enfeitadas com contas, desciam em duas faixas de tecido que me cobriam os seios, deixando o centro aberto para exposição máxima, para em seguida se cruzarem sobre as costelas, de novo enfeitadas com contas, deixando as concavidades da cintura provocantemente à mostra. Nunca tinha usado nada tão *sexy*, elegante e caro. Sentia-me como a Elizabeth Taylor num dos seus anúncios de diamantes. O resto do tecido descia numa linha-A e terminava, recatado, à altura dos joelhos. Apesar de eu ser para o peito – aquele vestido não deixava espaço para um *soutien*, com as costas abertas –, as minhas meninas ficavam bem amparadas pelo reforço interior. Estava, e melhor ainda, *sentia-me* bonita pela primeira vez em muito tempo.

– Uau! – foi tudo o que o Wes disse, ali especado com uma expressão maravilhada no rosto bonito. Estendeu a mão que segurava as três gravatas. – Qual delas? – perguntou numa voz estrangulada antes de limpar a garganta.

Eu sorri, a adorar cada segundo da cena em que apanhava aquele tipo de surpresa. Podia ser uma miúda das motas, mas sabia como ficava bem vestida.

As gravatas eram bonitas, e uma delas dava melhor com o meu vestido do que as outras, mas em vez de escolher uma, agarrei o colarinho da camisa com ambas as mãos, puxei-o para fora e baixei-o sobre as lapelas do casaco.

– Prefiro sem gravata. Ficas uma brasa.

Não havia razão para não dizer a verdade. Ficava uma brasa.

Ele fez-me um sorriso escaldante e eu mordi o lábio, a sentir a renda das cuecas ficar húmida. Merda, se ele não parasse com aquilo ia saltar-lhe em cima. Como a Ginelle com tanta delicadeza me recordara naquela manhã, havia meses que não sentia o toque de um homem. Para ser franca, mais para perto de um ano. Tinha ficado farta de homens depois do Blaine e passara aquele ano a dizer a mim mesma que era capaz de fazer uma vida de freira desde que tivesse um vibrador e fartura de erva à mão. Confrontada com o homem que tinha à minha frente, já não estava



assim tão certa de que o celibato fosse uma decisão inteligente. Porque naquele instante estava pronta para me atirar ao Surfista Brasa.

– A mãe não vai gostar – sussurrou ele antes de me agarrar os pulsos e puxar-me para si. Cambaleei no alto dos vertiginosos *stilettos* que o estilista pessoal dele comprara e caí para a frente, peito contra peito. As minhas mãos apoiaram-se na dura parede de músculo que ainda se conseguia sentir através do casaco e da camisa.

O Wes baixou os olhos para mim e eu ergui os meus para ele.

– Fazes sempre o que a tua mamã diz? – perguntei, a provocá-lo.

Riu, e os seus olhos ficaram de um belo verde-trevo. Senti que era capaz de ficar a olhar para aqueles olhos durante dias seguidos e sentir que tinha ganho um prémio.

– Não, mas o evento é da mãe. Gosto de ser um menino bonito, quando me convém. – Inclinou-se para a frente e cheirou a base do meu pescoço. – Céus, cheiras a sol e a brisa fresca no Verão – disse, e roçou os lábios pelo meu queixo. Frémitos de excitação percorreram-me o corpo desde as raízes dos encaracolados cabelos até às plantas dos pés. – E estás para lá de bonita. – Voltou a beijar-me o canto dos lábios. Nada de *full contact*. Quase pigarreei, mas calculei que fazia parte do jogo, e ele jogava-o bem. A arte da sedução era obviamente uma coisa de que gostava. Naquele momento, eu era toda a favor.

– É melhor irmos – avisei.

O Wes sorriu e puxou-me pela mão, guiando-me para fora do quarto. Mal tive tempo de pegar na mala a condizer onde tinha guardado o telemóvel, um batom e um documento de identificação. Quando chegámos à porta da rua, a senhora Croft estava lá, à espera. Tinha na mão um punhado de lenços de bolso. Olhou para o meu vestido, escolheu o que condizia e enfiou-o com muito cuidado no bolso do peito do casaco do Wes.

– Pronto. – Passou as mãos pelo casaco, como que a alisá-lo. – Estás perfeito, filho.

Os olhos dela brilhavam como se estivesse a preparar o filho para o baile de finalistas. Estranho. Optei por ficar calada. Ele entregou-lhe as gravatas.

– Obrigado, Judi. – Inclinou-se e beijou-lhe a engelhada face. Olhou para mim, mirou-me mais uma vez da cabeça aos pés e voltou-se de novo

para a criada-barra-cozinheira-barra-governanta. Não percebia muito bem o que ela era. – O vestido é perfeito.

Agradeceu-lhe e levou-me até à limusina que esperava em frente da porta.

*A Judi comprou as roupas?* Quaisquer outros pensamentos foram obliterados e quase deixei cair o queixo ao ver o tamanho da limo. Era comprida, esticada para lá de tudo o que eu alguma vez tivesse visto. Nunca tinha posto o rabo numa limo, mas quando nos aproximámos o Wes pôs a cabeça de lado e olhou para mim com um sorriso estranho.

– Alguma andaste numa limusina? – perguntou, muito divertido.

Endireitei os ombros e avancei direita ao carro como se já tivesse feito aquilo um milhão de vezes.

– Claro!

Abri a porta. Ele tapou a boca com uma mão, agarrou o cotovelo com a outra e riu. Encolhi-me. Ao que parecia, não estava a perceber a piada.

– Então por que estás a tentar entrar para o banco do passageiro?

Apontou para a porta que eu mantinha aberta. Espreitei para o interior e vi o volante. Quando me endireitei, vi um cavalheiro com o que só podia ser um uniforme de motorista preto a segurar aberta a porta de trás.

– Eu sabia. Só ia perguntar ao condutor para onde vamos.

Dirigi-me à porta de trás, com a cara a escaldar.

– Claro que ias – disse o Wes, com uma gargalhada, e pousou-me uma mão nas costas para me ajudar a entrar.

Uma vez instalados, ofereceu-me uma taça de champanhe, que me apressei a aceitar.

– Obrigada.

Ele sorriu e serviu outra taça para si. Fizemos *tchin-tchin*.

– A que estamos a brindar? – perguntei.

– Que tal a sermos amigos? – Sorriu e pousou uma mão na minha coxa, muito mais alto do que um «amigo» poria. Soube-me bem. – Bons amigos. – Os olhos dele desceram até à minha boca, e eu mordi o lábio.

– Amigos coloridos? – sugeri, arqueando uma sobrancelha para maximizar o efeito e cruzando as pernas. Aquela mão subiu mais alguns centímetros até deslizar pela coxa nua.

O olhar dele focou-se no meu e fez-me sentir quente, para não dizer a escaldar.